

Anne, minha filha, era bela,
corajosa e tão simples!
Toda amor e ternura
– uma criança doce e esperta,
com uma voz engraçada e
rouquinha. Parecia frágil.
Nós nos amávamos
profundamente, até que veio
a morte, interrompendo tudo.
Anne mal tinha feito 15 anos

CLAUDE DE LEUSSE



Pelo amor de minha filha

AQUELE último dia – 31 de julho de 1970 – começou às três da manhã. Minada por uma doença rara e incurável, Anne ficou quase seis semanas sem comer ou beber praticamente nada. As poucas gotas de água que ela ingeria por um canudo ou aquelas colheradas de iogurte que ela tentava engolir voltavam imediatamente. Ela ia ao banheiro silenciosamente e trancava a porta, para que eu não a visse vomitar. Quando eu voltava a casa, ela me contava que tinha almoçado

ou jantado maravilhosamente. E eu, mãe compreensiva, fingia acreditar.

Durante todos os anos de sua doença,* sempre tentamos nos confortar uma à outra. Ela escondia suas dores de mim, e eu fazia o possível para nunca me mostrar triste, nunca deixar transparecer a angústia que me consumia. Sempre que o médico saía, eu lhe dizia (e algumas vezes era verdade): «Ele te achou ótima; afirmou que vai tudo bem.» Então, nos beijávamos, ríamos e fazíamos planos para o futuro.

Anne ficou em minha cama naquela noite. Quando acordei, os primeiros raios de sol penetravam pelas venezianas. Ela dormia docemente. Sua respiração era apressada. Seu rostinho, encovado pela doença, os olhos imensos e bastante fundos. Tudo isso me comoveu mais do que nunca. Oh, como eu gostaria que as coisas fossem diferentes!

Quando ela abriu os olhos, eu murmurei: «Como você é bonita!» Ela sorriu, e então franziu os lábios, como que dizendo: «Que diferença faz?» Aquilo me doeu interiormente. Teria ela a sensação de que algo estava para acontecer? Teria perdido a fé que até então nunca nos havia abandonado?

Pegou a bacia que tinha sempre ao seu lado, dia após dia, noite após noite. Segurei sua testa enquanto ela fazia terríveis esforços para esvaziar seu pequeno estômago, já sem nada. Então, caiu para trás sobre seu travesseiro bordado de flores azuis. Gotas de suor surgiram em sua testa, empapando-lhe os cabelos.

Eu sabia que nenhum dos muitos médicos que a atendiam estaria disponível. A cidade estava deserta. Era sexta-feira. O começo de um fim-de-semana. Época de férias. Pus meu ouvido levemente sobre seu coração. Por que parecia bater tão forte agora? Enterrei meu rosto em seu pescoço. Ali também se podia ouvir a pulsação.

Às sete da manhã chamei o substituto do Dr. L. A telefonista me pediu para tentar de novo às oito. Às 9:30, o médico ainda não havia respondido.

Assim, chamei o hospital. Uma enfermeira muito gentil, me disse que levasse Anne para lá, porque nenhum dos médicos tinha permissão para sair do hospital desde que estivesse em serviço de plantão.

Eu estava num dilema. Deveria chamar uma ambulância? A palavra «hospitalização» tinha se tornado um martírio para Anne. Todas as vezes lhe dizíamos que «era só por dois ou três dias», mas a coisa tinha se arrastado por várias semanas. Deveria eu esperar mais um pouco? Esperar por quê? Em tantas outras vezes que havíamos temido o pior, ela tinha conseguido se recuperar com sua incrível vitalidade. Por que não haveria de recuperar-se também desta vez?

Um pensamento me assaltava. Estava me lembrando de como, havia pouco mais de dois anos, o Professor Z., que cuidara de Anne desde os primeiros sintomas de sua doença, tinha me chamado a um canto. Muito gentilmente, ele me fez entender que Anne dificilmente viveria mais de dois anos. Daí, era inútil submetê-la ao doloroso martírio de todos os tratamentos, de todas aquelas drogas que estavam destruindo aos poucos o seu aparelho digestivo, seus ossos, seu sangue. Anne estava então sob rigorosa dieta, e aquele homem, tão amável e humano, acrescentou: «Deixe-a comer o que quiser, leve-a para viajar, faça-a se sentir feliz.»

Durante uma semana, torturei-me com a indecisão de não saber se devia deixá-la fazer tudo o que antes lhe proibira, como desfrutar o sol, o

mar, os passeios de moto... Deixá-la comer tudo de que gostava... fazer tudo... rir e nos amarmos uma à outra e nunca nos separarmos por um só momento.

Então o medo de estar errada, de precipitar um fim que talvez não fosse inevitável, esse medo me assaltou por completo. Teria eu o direito de abandonar uma luta que vínhamos sustentando havia 11 anos? Sabíamos que o mais importante era ganhar tempo, pois num belo dia poderia ser inventado o remédio que a curasse. Assim, procurei o conselho de outro especialista que tinha reputação de ser um «lutador»... e a luta continuou.

ERA NISTO que eu pensava, e no que Anne havia me respondido ontem, quando, vendo-a pensativa, lhe perguntei: «O que está pensando?» «Estou pensando no que poderia ter feito se não estivesse doente», respondeu. Isto foi ontem... 30 de julho.

NISTO, o telefone toca e interrompe meus pensamentos. É a enfermeira do hospital anunciando que, afinal, um médico está a caminho. Ele chega por volta das 10:30. Parece muito educado. Examina Anne e leva-me para a sala. De todo o seu monólogo, só ouço duas palavras... «fase terminal». No entanto, para se ter a certeza, ela tem de ser levada para o hospital.

Volto ao quarto para falar a Anne sobre o hospital. Acompanho-o. Anne deixa escapar um suspiro e franze o nariz. Digo-lhe: «Quando

você sair do hospital, vamos a La Chèze. Você sabe que eles a farão se sentir melhor, não sabe? Lembra-se de quando perdeu a voz e só foi recuperá-la no hospital? Agora você não pode comer, e lá com certeza que vai conseguir.»

«Promete que me traz de volta na segunda-feira?», pergunta ela.

«Juro!», respondo prontamente para acalmá-la.

Chamamos uma ambulância. Às 11:30 dois homens de branco vêm apanhar Anne. Um a segura pelos braços. Ela parece sentir muita dor, mas não se queixa de nada. Está usando sua camisola azul com mangas fofas e uma golinha rendilhada. A gola não permanece fechada. Faz calor. Mais uma vez entramos pelo portão de pedra do hospital. Colocam Anne num daqueles exíguos cubículos cercados de vidro pelos três lados. Fica estendida, imóvel, com os olhos muito abertos e voltados para a janela. Posso sentir que ela está aborrecida, que só deseja ficar sozinha por algum tempo. Como lamento tê-la levado para ali. Agora estamos apanhados naquele círculo infernal de exames de sangue, raios-x, transfusões, consultas, e constantes medições da temperatura e da pressão — o sofrimento, a dor física.

Saio para preencher aqueles formulários de sempre. Quando volto, estão tirando mais amostras de sangue de Anne. Fazem a incisão na ponta magra de seus dedinhos, e espremem para conseguir as pequenas gotas vermelhas. O rosto de Anne se altera pela dor, mas ela continua silenciosa.

Quando o enfermeiro sai, Anne me diz: «Estou me sentindo mal.» «Náusea?», pergunto. Ela balança a cabeça: «Não.» «É a cabeça? O estômago? Está com sede?» Ela diz que não com a cabeça a cada pergunta; entreabre os lábios, mas nada se ouve. A respiração fica mais difícil.

Meus pensamentos se atropelam: Anne, eu amo tanto você! Como eu gostaria de poder fazer qualquer coisa para que você se sentisse melhor! Como eu odeio esta impotência! O que adianta amar? O que adianta viver? Eu lhe daria o meu sangue e ainda continuaria com quantidade suficiente para lutar e viver com você, perto de você. Quero que você viva! Nunca mais a deixarei só por um único momento.

Os resultados, agora, começam a chegar de minuto a minuto... alto teor de uréia... fígado inchado... pulmões infiltrados...

São quatro horas. Uma enorme enfermeira entra agora pesadamente no cubículo. Traz o frasco dos remédios intravenosos. Esbarra em tudo, sacode a cama, deixa cair coisas.

Aquela gigante toma o frágil corpinho de Anne em suas mãos imensas e o espeta com a agulha. Espeta de novo, revolve a agulha dentro da carne. Tenta injetar o líquido, mas a agulha não pára lá dentro. Sinto uma fúria homicida dentro de mim. A enfermeira transpira. Anne também. Afinal ela pica as costas da mão fina. O sangue jorra por todos os lados. Um enfermeiro alto põe a cabeça através da porta e diz: «Apenas quatorze gotas por minuto.»

Observo as gotas caindo uma atrás da outra. Espero que Anne recobre a resistência em pouco tempo, mas, após alguns minutos, seu coração só bate mais depressa — muito depressa. A artéria em seu pescoço não pára um instante, e a golinha de sua camisola a acompanha no mesmo ritmo. Sua respiração fica cada vez mais rápida. O enfermeiro conta o tempo de cada gota. Sento-me ao radiador e espero... espero.

Anne tosse. Seu fôlego apressado se transforma num silvo. Seus grandes olhos azuis não param. De repente, ela toma fôlego e me diz: «Não se esqueça de regar minha plantinha»; e depois: «Você vai dar corda em meu despertador?»

Foram suas últimas palavras.

Começam a lhe dar oxigênio. Agora já passa das seis. Um médico me toma de parte. Fala sobre diálise. Os rins estão funcionando cada vez pior. O sangue terá de ser purificado. Diz baixinho: «É meio doloroso... uma agulha grande no peritônio... Não podemos dar-lhe anestesia, o coração está muito fraco.»

O médico explica gentilmente a Anne o que será feito. Ela franze a testa. Digo-lhe alguma coisa para confortá-la. Garanto que não vou sair do hospital naquela noite, que ela se sentirá melhor na manhã seguinte. Como sempre, ela acede. Está calma... tão linda!

Colocam-na sobre a maca. O frasco de perfusão balança e eu não tiro os olhos da seringa. Tenho medo que ela saia, mas nem se mexe na pequena mão que está atada a um aparelho.

Vamos para a sala de rim artificial. O médico me diz: «Deve demorar cerca de meia hora. Depois a senhora poderá entrar.»

«Até daqui a pouquinho, minha filha!», digo eu me despedindo.

Você me vê saindo. Seus olhos me olham docemente. Você sorri, e é como se seu sorriso estivesse dizendo: «Não se preocupe, tudo acabará bem.» Você está tentando me confortar. Como você é boa! Como eu amo você!

Caminho pelos pátios vazios do hospital e vou dar ao portão principal. Entro num café defronte e ligo para casa. As duas crianças maiores, Caroline e Laurence, viajariam na manhã seguinte para a Grécia. Digo-lhes que terão de esperar. Não sei mais o que dizer. Volto ao hospital, e o enfermeiro alto me avisa: «Anne está com muita febre. A senhora terá de esperar um pouco para vê-la.» Sento-me num degrau das escadas. Fumo

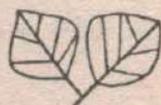
consecutivamente, cigarro atrás de cigarro, sem querer pensar em nada.

Por volta das 10, vou ao gabinete ao lado do quarto onde está Anne. Quero só encontrar alguém para me dizer qualquer coisa. Quero ver minha filha Anne.

Então ouço um longo lamento, arrancado do fundo da alma. Ainda o ouço. Sempre o ouvirei.

O médico sai. Parece triste. Diz: «Vamos pô-la em ressuscitação.» Os homens de bata branca passam correndo para apanhar o equipamento. Volto ao degrau onde estava sentada, à meia-luz, em profunda tristeza. Espero que agora tudo esteja acabado. Não quero que ela sofra nunca mais. Cerca da meia-noite, o médico vem até junto de mim e desabafa: «Fizemos tudo o que foi possível.»

ERA JÁ meia-noite. Fui para casa. Reguei a sua plantinha. Dei corda no seu despertador, como você tinha pedido.



TRÊS GAROTOS, alunos de uma escola internacional na Índia, conversavam sobre suas nacionalidades. Um dos meninos era tailandês; outro, indiano. Quando perguntaram ao terceiro sua nacionalidade, ele respondeu: «Não sei; meu pai é norte-americano e minha mãe é inglesa.»

O indiano sugeriu rapidamente: «Ah, então você deve ser canadense.»

— D. E. R.

MEU MARIDO e eu fomos almoçar em casa de minha cunhada, numa tarde de muito sol. Íamos tocar a campainha, quando notamos uma enorme pedra no pórtico. Nela estava escrito, em grandes letras vermelhas: POR FAVOR, VIRE-ME! Olhei para meu marido e comecei a rir. «Sei que não devia fazer isto», disse, «mas simplesmente não resisto.» Virei a pedra. A mensagem do outro lado dizia: OBRIGADA! AGORA ME SINTO MELHOR.

— D. L. K.